



2901 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd (2018)
GT 08 - Formação de Professores

FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS: SABERES, IDENTIDADE DOCENTE E ATRATIVIDADE DA CARREIRA
Alisson Lima Damião - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
Ednaceleli Abreu Damasceno - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo descrever e analisar o perfil do(a) pedagogo(a) no sentido de problematizar os saberes mobilizados no exercício da profissão, a constituição da identidade desse profissional e a atratividade da carreira, buscando entender com esse processo de escolha se constrói. Para isso tomamos como objeto de análise, teses e dissertações da Capes, defendidas no período de 2012 a 2016, que tratam do perfil do pedagogo. Os resultados levantados salientam que a atratividade da profissão docente se encontra em crise, por questões que permeiam a valorização profissional. A identidade pode ser construída com o tempo, acontecendo de forma coletiva e individual, entrelaçada aos saberes que o professor/pedagogo mobiliza no seu fazer docente. Conclui-se que, o perfil do pedagogo é construído a partir de elementos que imbricam os saberes docentes, a atratividade da profissão e constroem uma identidade com o tempo, no meio social, relacionando teoria e prática neste processo de exercício da profissão docente.

Palavras-chave: Perfil do Pedagogo. Identidade. Atratividade da carreira docente.

Introdução

A formação de professores no Brasil tem sido alvo de diversos olhares e discussões na área da educação, e tem mobilizados inúmeros pesquisadores no estudo desse objeto, tendo em vista que a profissão docente é uma das atividades que desenvolve em seu seio formativo e prático, diversos saberes que movimentam a vida social, cultural e política, norteando todas as atividades humanas a ela vinculadas. Em um entendimento amplo, a profissão docente pode ser pensada como uma atividade que exerce função social, cultural e educacional na formação do cidadão. Cidadão este que terá condições, a partir do processo de escolarização, de entender seu posicionamento na sociedade, desenvolver conhecimentos sistematizados e agir sobre ela. Nesse sentido, é fundamental reconhecer e compreender o papel do professor na construção de uma sociedade cidadã. O magistério é uma atividade que pressupõe uma formação especializada, requerendo do futuro profissional competências específicas para prover educação para todos em condições que não primam pela valorização da carreira profissional, por conseguinte, torna-se igualmente relevante buscarmos saber quem são os sujeitos que estão procurando se enveredar pelos caminhos da profissão docente.

Mas o que identifica o pedagogo? Qual a base de sua identidade? Que fatores o atraem para a carreira? Essas e outras questões que se apresentam na literatura como, Libâneo (2001, 2002, 2010), Pimenta (2008), Gatti (2009), Brzezinski (2002), Tardif (2002) são discutidas neste ensaio.

Foram compulsados para efeito de análise, o material referente a produção acadêmica teses e dissertações da Capes, defendidas no período de 2012 a 2016, que tratam do perfil do pedagogo. A produção acadêmica analisada, sem a intenção de realizar um estado da arte nem uma revisão da literatura (que exigiria uma busca mais exaustiva das publicações) consta de alguns trabalhos que abordam diretamente em seus títulos o tema sobre o perfil do pedagogo. Adota-se como método, a análise de conteúdo. A análise foi realizada para a categorização das informações selecionadas e o reagrupamento das informações em categorias mais abrangentes (BARDIN, 2011). Desta forma, buscou-se diferenciar, classificar e reagrupar os elementos de cada uma das produções acadêmico-científicas, fazendo emergir categorias analíticas sobre a temática aqui pesquisada.

A primeira parte do trabalho se volta para a discussão do referencial teórico acerca do objeto da pesquisa, em que se estabelece a definição do campo e as categorias mais abrangentes que envolve conceitos importantes à análise do tema, bem como os respectivos teóricos escolhidos para fazer o diálogo com a temática em estudo. Na segunda parte, expõem-se os resultados e as discussões apresentadas nas produções acadêmicas. E por fim, as conclusões em que se destaca os resultados a partir do objetivo proposto inicialmente nesse trabalho.

A Formação de Pedagogos e a Constituição do seu Perfil Profissional

No que diz respeito às concepções sobre o que é ser professor, ou ser aluno de um curso de formação docente, podemos destacar um fator que Pimenta (2008) aborda, ao pesquisar os saberes dos professores, especificamente àqueles voltados para a experiência. A autora explica que os alunos que chegam a um curso de formação de professores, passaram alguns anos de suas vidas, construindo concepções e saberes do que é ser um bom professor. Isto se dá, pois, em sua vida escolar em que ele se identificou e viu em um docente o perfil que ele julga adequado. Todavia, alguns dos alunos não se "identificam como professores", isto acontece pois olham a escola, a atividade docente pelo ponto de vista do "ser aluno". Para a autora, "o desafio, então, posto aos cursos de formação inicial é o de colaborar com o professor de passagem dos alunos de seu *ver o professor como aluno* ao seu *ver-se como professor*" (PIMENTA, 2008, p. 20, grifo da autora). Esse pensamento é fundamental para o processo de constituição do perfil docente.

Tardif (2002) explica que o professor ou aluno de um curso de formação desenvolve saberes na sua prática, seja ela profissional ou formativa. Ele chama esses saberes de experienciais e saberes dos espaços de formação^[1]. Para o autor, são saberes sociais e temporais. Sociais porque podem ser construídos em contexto com a sociedade e com demais envolvidos, e são temporais, pois são construídos/desconstruídos ou reformulados com o tempo, são mutáveis.

Deste modo, um curso de formação de professores precisa partir da ideia de que seus alunos ingressantes são construtores de conhecimentos, mas já possuem conceitos preestabelecidos, visões e desejos. É imprescindível que essa formação quebre as barreiras das ilusões, das cegueiras. E como fazemos isso? Conhecendo o nosso aluno, traçando seu perfil, sabendo como ele pensa, o que pensa e o que almeja no curso que escolheu.

O primeiro e mais importante fator a ser estudado para se entender o perfil dos alunos, é a sua visão sobre o que é ser pedagogo e o que é a Pedagogia. *A priori*, e antes de chegarmos aos alunos, temos o pensamento de Libâneo (2001) destacando que existe uma visão apoiada no senso comum, de que ser pedagogo, ou estudar pedagogia, é aprender como ensinar crianças, e o pedagógico, são as metodologias de ensino. Ou seja, "o trabalho pedagógico seria o trabalho de ensinar, de modo que o termo pedagogia estaria associado exclusivamente a ensino". (p. 6).

Ainda segundo o autor este entendimento de Pedagogia é muito "simplista e reducionista". É verdade que a Pedagogia se responsabiliza pela

formação para o ensino escolar de crianças, mas ela também “é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa” (LIBÂNEO, 2001, p. 6). Para além de formar para o ensino de crianças, a Pedagogia é uma ciência que envolve os estudos problematizadores da educação, entendendo sua história e regendo a ação docente. Entender isso, é o primeiro passo para ultrapassar a visão que Pimenta (2008) problematiza, sobre a visão dos estudantes de um curso de formação de professores. O rompimento do “passar a ver o professor”, e “passar a se ver como professor”.

Refletir sobre os saberes, a identidade e a atratividade da carreira do pedagogo, nos faz procurar entender como esse processo é construído e quais escolhas vão constituindo esse profissional. Entender e definir o perfil do pedagogo é um tanto complexo, tendo em vista as diferentes concepções que abarcam o curso de formação deste profissional, considerando-se que o curso é permeado por contradições, embates ideológicos e interferências externas de organismos internacionais que influenciaram as políticas públicas brasileiras e dos diferentes atores que defendem a formação do pedagogo. Esta situação tem dificultado, de certa forma, a construção de um perfil de pedagogo que atenda as demandas educacionais contemporâneas.

A complexidade na definição da base identitária do pedagogo se movimenta a partir de duas posições: os que defendem uma visão mais ampla, alargada da função do pedagogo, como aquele que pensa, pesquisa e teoriza sobre a educação e os que defendem a docência como a base de identidade do pedagogo.

Pimenta (1998; 2002; 2004), Libâneo (2000; 2006; 2010) e Franco (2003) têm sido emblemáticos em seus estudos ao se posicionarem a favor da base do curso de pedagogia e dos profissionais da educação em torno dos conhecimentos pedagógicos, e não da docência, uma vez que esta seria uma modalidade da atividade pedagógica.

Libâneo (2001, p. 6) ao conceituar Pedagogia como uma ciência da educação, a entende como um “campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa”, dessa forma defende um posicionamento em favor da especificidade da atuação profissional do pedagogo e formulando uma clara proposta para a sua formação, cuja especificidade é realizar uma reflexão global e unificadora da realidade da educação. Para esse autor, o que justifica a existência da pedagogia é o fato de esse campo ocupar-se do estudo sistemático das práticas educativas, da natureza, das finalidades da educação, tendo em vista a realização desses processos nos vários contextos em que essas práticas ocorrem, sejam nas empresas, nos hospitais, nas escolas, em aldeias etc. Configura-se dessa forma, um campo de conhecimento que possui objeto, problemáticas e métodos próprios de investigação: “ciência da educação”.

Nessa concepção defendida por Libâneo, o que identifica o pedagogo é atuação profissional em várias instâncias da prática educativa. Dentre essas instâncias, o pedagogo pode atuar nos sistemas macro, intermediário ou micro de ensino (gestores, supervisores, administradores, planejadores de políticas educacionais, pesquisadores ou outros); nas escolas (professores, gestores, coordenadores pedagógicos, pesquisadores, formadores etc.); nas instâncias educativas não escolares (formadores, consultores, técnicos, orientadores que ocupam de atividades pedagógicas em empresas, órgãos públicos, movimentos sociais, meios de comunicação; na produção de vídeos, filmes, brinquedos, nas editoras, na formação profissional etc.). Percebe-se que essa identidade está muito mais ligada ao perfil do pedagogo como especialista em educação.

Essa concepção se opõe claramente, à formulação defendida pela Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação – Anfope que, reitera fortemente a docência como a marca identitária específica do pedagogo. Nessa concepção, a atividade profissional do professor, que realiza uma forma específica de trabalho pedagógico que é o ensino, precede as atividades profissionais do pedagogo, que se desenvolve em um amplo leque de práticas educativas (informais, não formais e formais). Nesse processo o eixo norteador da formação do pedagogo tem a docência como base identitária. A defesa dessa concepção identitária se sustenta pelo entendimento de que não há como separar o professor do pesquisador em educação. Não há como separar a atividade de quem pensa e de quem faz educação. De quem teoriza e de quem pratica a educação no dia a dia da sala de aula.

Diferentemente, Libâneo entende que deveriam haver dois cursos, um de pedagogia para formar o pedagogo pesquisador e um outro curso de licenciatura para formar professores. No primeiro, o pedagogo receberia formação especializada através de habilitações; no segundo, o licenciado obteria habilitações para a docência. Na prática, teríamos um profissional que pensa, investiga e teoria a educação e um outro profissional que colocaria em prática o que o outro pesquisou. Desde quando foi apresentada pela primeira vez, no 6º Encontro Nacional da Anfope, realizado em 1992, em Belo Horizonte, a proposta tem sido objeto de polêmicas e discordâncias com esse movimento, que defende a docência como base da identidade profissional do pedagogo, subsumindo o trabalho pedagógico ao trabalho docente. No entanto, tem sido coerentemente defendida pelo autor em congressos, simpósios, encontros e debates da área, nos quais a posição da Anfope foi sempre hegemônica.

Talvez, diante de todo esse processo histórico que aqui foi explicitado de forma breve, não será possível chegar a uma conclusão acerca da identidade do pedagogo. Mas o que está ao alcance de todos é buscar em outros autores algumas concepções sobre a identidade do pedagogo, para assim elaborar, talvez, um constructo acerca do assunto que aqui vem sendo abordado.

Saviani (2007, p. 130) defende que a identidade do pedagogo está intimamente relacionada com sua formação profissional, ou seja,

De um curso assim estruturado espera-se que irá formar pedagogos com uma aguda consciência da realidade onde vão atuar, com uma adequada fundamentação teórica que lhes permitirá uma ação coerente e com uma satisfatória instrumentação técnica que lhes possibilitará uma ação eficaz.

É pertinente lembrar que, como afirma Libâneo (2006, p.12) ao fazer uma crítica acerca da abrangência das funções do pedagogo:

[...] É difícil crer que um curso com 3.200 horas possa formar professores para três funções que têm, cada uma, sua especificidade: a docência, a gestão, a pesquisa, ou formar, ao mesmo tempo, bons professores e bons especialistas, com tantas responsabilidades profissionais a esperar tanto do professor como do especialista. Insistir nisso significa implantar um currículo inchado, fragmentado, aligeirado, levando ao empobrecimento da formação profissional.

Necessário se faz, repensar se a identidade do pedagogo não está seguindo a lógica do mercado de trabalho. O que leva essa discussão a enveredar por esta análise é voltar o olhar para o que vem acontecendo na atual sociedade contemporânea e neoliberal. Mas quanto a questão da identidade do pedagogo, como este poderia ser separado sem o curso de pedagogia docente, se para administrar uma escola, é preciso que além de conhecer suas estruturas burocráticas e técnicas, conheça também a docência?

Gadotti (1983, p.57) nos diz que, “[...] o papel do pedagogo é um papel político. Sempre que o pedagogo deixou de ‘fazer política’, escondido atrás de uma pseudo-neutralidade da educação, estava fazendo, com a sua omissão, a política do mais forte, a política da dominação”. E ainda acrescenta: O educador, o filósofo, o pedagogo, o artista, o político têm e tiveram, historicamente, um *papel eminentemente crítico*: o papel de inquietar, de incomodar, de perturbar. A função do pedagogo parece ser esta: à *contradição* (opressor/oprimido, por exemplo) *ele acrescenta a consciência da contradição* (GADOTTI, 1983, p. 58) (grifo do autor).

No pensamento de Gadotti (1983) encontramos a identidade do pedagogo frente à sociedade e a educação, no que diz respeito à seu perfil

profissional, que não é neutro, é crítico e acima de tudo, político.

Saberes Docente e Identidade profissional

Não podemos falar de perfil, sem mencionar a identidade docente, que está recheada de saberes que o professor constrói durante sua vida. Segundo Tardif (2002), estes saberes são construídos nos espaços de formação, no contato com os conhecimentos científicos em forma de disciplinas, na preparação curricular, no contato com os demais colegas e com as pessoas. Deste modo, a identidade é construída desde quando a decisão de se tornar professor é tomada, até a sua atuação profissional.

Em consonância com este pensamento, Brzezinski (2002) explica que a identidade pode ser construída de forma coletiva, que acontece de forma social no seio dos grupos e das categorias que organizam a sociedade, dando aos indivíduos o que a autora chama de *status social*. Ela fala ainda que a identidade pode ser construída de forma individual, dizendo respeito a originalidade, personalidade e unidade, configurada a partir da história de vida pessoal do indivíduo. Para a autora, o profissional docente tem uma unidade profissional múltipla, que nasce destes dois movimentos identitários (o pessoal e o coletivo). Deste modo, a identidade coletiva do docente se configura pela "dupla transação que o sujeito realiza: uma interna, do sujeito com ele mesmo, e outra externa, do sujeito com o mundo" (BRZEZINSKI, 2002, p. 8). Essa multiplicidade constitutiva diz respeito as formas como o professor constrói sua identidade.

Observemos que a identidade profissional dos pedagogos é algo que se constrói em momentos e no decorrer do tempo, e se dá pela junção de ações coletivas ou individuais com um conjunto de saberes que o professor desenvolve. É algo que possui uma ligação com a história formativa no curso de Pedagogia e com a ação profissional.

Segundo Pimenta (2008) a construção da identidade é um processo histórico de um sujeito situado e no caso da docência, a identidade profissional do professor se faz, a partir das necessidades formativas de uma escola que contribua para a construção emancipatória da sociedade. Essa identidade profissional se faz a partir:

[...] da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. [...] Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor. (2008, p. 19).

Dessa forma, uma reflexão teórica acerca da construção da identidade profissional do pedagogo pressupõe a discussão acerca dos saberes docentes.

Engrossando o que apontamos de forma sintetizada no início de nossa discussão, os alunos que chegam nos cursos de formação de professores já possuem uma vasta experiência e criaram para si uma imagem do que é *ser professor*. Ao longo dos anos enquanto aluno, ainda no ensino básico, os alunos que chegam aos cursos de formação de professores já possuem um *modelo* e sabem quais professores foram "significativos em sua vida". A autora denomina esse fenômeno de saberes da experiência. Em consonância com ela, Tardif (2002) tipifica estes saberes, dentro dos saberes experienciais, de saberes pré-profissionais. Aqueles adquiridos antes da formação e do exercício profissional.

A autora alerta para a necessidade de os cursos de formação contribuírem coma construção da identidade docente, através dos saberes. Para ela, alguns conhecem o que é *ser professor* porque já trabalham no magistério, ou foram alunos. Outros, através de experiências acumuladas no convívio em sociedade, com as mudanças que aconteceram na história durante os anos e entre outros aspectos. Porém, alguns ainda não se enxergam ou não se identificam com a profissão, pois estão olhando a escola e o professor, do ponto de vista do ser alunos. É neste ponto que se encontra o desafio dos cursos de formação de professores que mencionamos na fala de Pimenta no início deste texto.

A partir disso, é surge outro momento dos saberes experiências, que aquele já construídos no exercício profissional, na interação com a comunidade escolar e demais professores.

Em outro aspecto, da construção da identidade pelo viés dos saberes, é o conhecimento. Esses são os conhecimentos do que serão ensinados na escola. Para isso, é necessário que exista o movimento de conhecer. Mas, que seja um conhecimento que não se reduz a informação; que seja trabalhado de forma que haja classificação, análise e contextualização de informações; e por fim que tenha a ver com a inteligência, consciência e sabedoria que remetem a "arte de vincular de conhecimento de maneira útil e pertinente, isto é, de produzir novas formas de progresso e desenvolvimento". Conhecer implica em entender no poder que o conhecimento tem na "produção de vida material, social e existencial da humanidade". (idem, p. 22).

De igual modo, os saberes pedagógicos são evidenciados como aqueles construídos no interior da prática docente e legitimados pela pesquisa. Eles podem colaborar para a construção da identidade docente e para a prática, sobretudo se forem observados a partir dos problemas que a prática coloca.

É na prática que ficam evidenciadas diversos

[...] elementos extremamente importantes, como a problematização, a intencionalidade para encontrar soluções, a experimentação metodológica, o enfrentamento de situações de ensino complexas, as tentativas mais radicais, mais ricas e mais sugestivas de uma didática inovadora, que ainda não está configurada teoricamente". (PIMENTA, 2008, p. 27).

É neste momento que podemos observar a relação de dependência entre teoria e prática. Uma contribuindo com a outra em um processo indissociável produzindo o ensino. Portanto, a identidade também estará em pauta, visto que nesse processo construtivo ela também estará em voga, nos levando a refletir ainda sobre a carreira e a atratividade do ser professor.

A Carreira do Pedagogo e a atratividade profissional

Quando falamos de atratividade da carreira docente, podemos nos remeter de imediato à questão de quem ainda quer ser professor. Essa é uma realidade que atinge todo o Brasil. A título de exemplo, em Santa Catarina, conforme os estudos de Luckmann e Marmantini (2015), todo ano as escolas reclamam da falta de professores. Entre os motivos, os autores explicam que a improvisação de professores em várias áreas do conhecimento é um dos principais problemas. Observamos que o que estamos vivenciando nos dias atuais é um processo de destruição da carreira docente, havendo segundo os autores cima mencionados, um "percentual significativo de professores temporários, substitutos ou designados com contratos de trabalho precários atuando nas redes de ensino da Educação Básica, sem a garantia de continuidade". (ibidem, p. 34433).

Sobre essa afirmação das autoras, Gadotti (2011, p. 19) ressalta que "no Brasil, o professor é desvalorizado. Há um ditado popular conhecido: 'Quem sabe faz, quem não sabe ensina'. É sinistro. Essa destruição do professor custará muito caro [...]". Este fator agrava e leva para baixo a procura de jovens pela profissão docente, visto que a construção de uma carreira é um dos principais aspectos que nos levam a escolher uma profissão, pois acaba sendo sinônimo de instabilidade social, econômica e até cultural.

Outro aspecto que afeta diretamente a atratividade pela profissão docente são as políticas de valorização, e principalmente nos aspectos salariais. Ainda segundo Luckmann e Marmellini (2015, p. 34435),

a primeira política, e talvez a mais importante, encontra-se explicitada na Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007 (BRASIL, 2007), cujo texto regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB). No artigo 22, a Lei prescreve: "pelo menos 60% (sessenta por cento) dos recursos anuais totais dos Fundos serão destinados ao pagamento da remuneração dos profissionais do magistério da educação básica em efetivo exercício na rede pública." A delimitação de um mínimo de recursos financeiros a serem aplicados na remuneração dos professores, significou passo importante para a valorização dos profissionais da educação.

As políticas que valorizam a educação e conseqüentemente os professores, são de fundamental importância para que haja uma mínima fagulha acessa na possibilidade de se construir uma carreira, tornando a profissão em alguns olhares, mais atrativa.

Existe ainda a Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008 (BRASIL, 2008) que definiu o Piso Salarial Profissional Nacional dos professores da educação básica. Contudo, os estados estão longe de cumprir com a lei, visto que somente cinco estados cumprem com a lei de forma integral. Os outros, não fizeram a lei acontecer, ou fizeram de forma parcial. Existe ainda um Decreto nº 6.755 de 2009 (BRASIL, 2009) que regulamenta a criação de uma Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica. A partir disso, a Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal do Nível Superior (CAPES), passou a atuar sobre a formação de professores, criando por exemplo o PARFOR, que é Plano Nacional de Formação de Professores (LUCKMANN; MARMENTINI, 2015).

Vale ressaltar ainda que, segundo Louzano et. al. (2010, p. 548, grifo das autoras)

A literatura internacional sobre incentivos sugere que a atratividade da carreira docente pode estar ligada a diversos fatores, entre eles: 1. *Flexibilidade*. A maioria dos professores tem a opção de trabalhar em tempo parcial e acomodar outros trabalhos dentro ou fora da escola onde atuam, de acordo com suas necessidades pessoais e financeiras; 2. *Férias*. Os professores têm geralmente férias mais longas (e mais frequentes) do que os profissionais de outras áreas; 3. *Taxas de desemprego baixas*. Os professores raramente ficam desempregados por longos períodos de tempo; 4. *Altruísmo*. Os professores acreditam que podem contribuir para o desenvolvimento social.

A atratividade na carreira docente e, em especial, na carreira do pedagogo é uma discussão interessante em nossa realidade brasileira. Gatti (2009) apresentou como resultado de uma pesquisa sobre a atratividade da carreira docente no Brasil está muito relacionada à situação das famílias de alunos da escola pública. Em destaque, nessa pesquisa, na opinião do grupo pesquisado,

se para as famílias de alunos de escola particular, há rejeição em relação à ideia de o filho ser pedagogo e, se quando há apoio da família, esse sempre vem acompanhado de um alerta acerca das dificuldades que irá enfrentar, para as famílias de alunos da escola pública, segundo eles, não haveria esse sentimento. O baixo poder aquisitivo e o baixo capital intelectual dessas famílias seriam o responsável pela aceitação e até mesmo pelo desejo dos pais de que seus filhos se tornassem professores como forma de ascensão social.

Outro recorte interessante dessa pesquisa (GATTI, 2009) desvela o tipo que o tipo de instituição dá mais clareza ao tipo de aluno atraído para a docência. Nas escolas públicas, a Pedagogia aparece no 16º lugar das preferências. Nas particulares, apenas no 36º. Essas informações evidenciam que a profissão tende a ser procurada por jovens da rede pública de ensino, que em geral pertencem a nichos sociais menos favorecidos, afirma Gatti (2009). De fato, entre os entrevistados dessa pesquisa, que optaram pela docência, 87% são da escola pública. E a grande maioria (77%), mulheres.

Embora a carreira docente esteja sendo ameaçada pela falta de efetivação das políticas, falta de concursos e uma diversidade outros fatores, existe ainda ingressantes em cursos de formação de professores, e no caso do nosso estudo, no Curso de Pedagogia. Ainda que as autoras acima afirmem tais questões, Gadotti (2011) explica que muitos de seus alunos do Curso de Pedagogia ou em outras licenciaturas não pensam em exercer a profissão, se preparando para um ofício, mas que na verdade vão exercer outros. Este pensamento do autor revela que alguns escolhem o curso somente para possuírem um diploma e poderem pleitear vagas com nível superior de escolarização.

Para Duran (2010, p. 47) é

importante salientar a dinâmica que tem orientado as escolhas profissionais, que pode sugerir a hipótese segundo a qual a opção pelo magistério relaciona-se com as representações que o professor tem de si mesmo, de sua inserção no mundo do trabalho e de sua função social.

Como já assinalamos anteriormente, o pedagogo é um profissional que trabalha com as questões educacionais e atende as necessidades sociais, no que diz respeito a escolarização. Contudo, precisamos entender o conceito de educação a fim de entender o trabalho do pedagogo de forma geral.

Libâneo (2010) explica que atualmente existe uma ampliação e modificações no conceito de educação, no que tange as questões sociais, morais, políticas e culturais. Todavia, essa ampliação e modificação está de algum modo contribuindo para consolidar o que entendemos por educação. Para ele, a educação é um "fenômeno plurifacetado, ocorrendo em muitos lugares, institucionalizado ou não, sob várias modalidades" (p. 18). O ato de educar pode acontecer em diversos lugares, de diversas formas e atender uma diversidade homogênea ou não de pessoas.

Atualmente a profissão docente deixou de ser entendida como uma forma de transformação de um conhecimento chamado de "senso comum" dos

alunos para saberes acadêmicos. Para Imbernón (2009), ela realiza outras funções, como "motivação, luta contra a exclusão social, participação, animação de grupos, relações com estruturas sociais, com a comunidade... E é claro que tudo isso requer uma nova formação: inicial e permanente" (p. 14). Deste modo, para que a profissão docente aconteça de forma a atender estas novas concepções existentes, ela deve andar em comum acordo com a formação. Formação e profissão não podem ser entendidas de forma isoladas, visto que uma é o caminho da outra e objetivam um único resultado, que é a atuação consciente, reflexiva interativa.

Assim sendo, a formação auxiliará na construção inicial do perfil profissional e conseqüentemente, em um outro momento, – o da atuação enquanto docente – haverá educação, aquela que assinalamos no início deste subitem.

[...] a formação assume um papel que transcende o ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e a incerteza [...] A formação também servirá de estímulo crítico ao constatar as enormes contradições da profissão e ao tentar trazer elementos para a superar as situações perpetuadoras que se arrastam há tanto tempo: a alienação profissional. (IMBERNÓN, 2009, p. 15).

A formação de professores compreendida com a ligação da profissão docente, nos leva a entender o seu papel, que é aquele que traz a criticidade, a reflexão e construção de conhecimentos ligados ao que já se sabe, ao que é novo no ambiente da profissão, no espaço de atuação.

Deste modo entendemos que o perfil de um professor é construído com o tempo, com a ação de reflexão, atreladas a sua formação e atuação profissional.

Conclusão

O pedagogo é um profissional que se vê envolvido no meio de grandes construções e desconstruções socioculturais, históricas, econômicas e até pessoas. É indispensável que entendamos que tudo isso afetará a construção de sua identidade, os saberes e atratividade do curso.

Ser pedagogo na contemporaneidade é algo difícil e requer uma movimentação não somente de quem pretende se enveredar por esse caminho, mas também da família, como salienta Duran (2010) em uma pesquisa feita com cem estudantes de uma universidade confessional que formam Pedagogos e Licenciados em Letras. Segundo a autora 76% dos participantes pretendem lecionar imediatamente e a escolha pelos referidos cursos se objetiva em parceria com as famílias e perspectiva da realização de um sonho.

A atratividade do curso mesmo que passando por momentos de crise, visto que como salientam os autores outrora mencionados, sofre com a valorização, precisa ser estudada e colocada em pauta de discussões para que exista um movimento de continuidade da própria profissão que é fundamental para a vida em sociedade.

No que diz respeito a identidade salientamos da necessidade de entendermos que a sociedade e o os grupos nos quais o pedagogo se insere podem contribuir para a construção de uma identidade solidificada, produzindo conhecimento. Pois como salienta Brzezinski o professor pode produzir conhecimento a partir do seu trabalho, pensamento no crescimento cognitivo e científico da escola e nos demais elementos nela imbricados. Portanto, é de suma importância lutarmos por uma identidade e uma formação que veja o pedagogo como este ser que mobiliza saberes, que está inserido em uma sociedade e é contribuinte fundante no desenvolvimento de cidadãos aprendentes. A identidade se constrói com teoria, com prática de forma individual e coletiva.

Por fim, entendemos que o perfil do pedagogo que existe hoje é construído com base em diversos elementos. Os saberes docentes auxiliam nessa construção pois fazem parte de toda uma mobilização temporal, social e histórica dos professores. Eles são construídos no meio social, no convívio com as famílias, com outros professores e no processo histórico de vida dos indivíduos.

Mesmo que a atratividade da profissão esteja abalada, com uma diversidade de fatores que beiram uma crise de identidade, devemos nos manter firmes na luta por uma profissão que busque a cada dia se colocar efetivamente como uma atividade que exerce um papel social e carrega em si aspectos que auxiliam na interação, emancipação e desenvolvimento das humanidades das pessoas. De uma identidade que se processe e leve em conta o exercício profissional, a atuação docente.

O processo de escolha da profissão se desenvolve em um momento crucial que é aquele de decidir que caminho profissional trilhar. A família auxilia, os amigos e várias questões como o salário são colocados em pauta. Por fim, essa escolha se constrói com o tempo e com a reflexão social da profissão docente, no movimento com os saberes e se concretiza no passo em que o indivíduo, participante de um curso de formação passa a se enxergar como um futuro professor.

REFERÊNCIAS

DURAN, Marília Claret Geraes. **Profissão docente: desafios de uma identidade em crise**. Form. Doc., Belo Horizonte, v. 02, n. 02, p. 46-53, jan./jul. 2010.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: Ensinar-e-aprender com sentido**. 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

_____. **Educação e Poder: introdução à pedagogia do conflito**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1983. p.53-64.

GATTI, B. A. et al. **Atratividade da carreira docente no Brasil**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2009. Relatório de pesquisa.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e incerteza**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KADLUBITSKI, Lidia; JUNQUEIRA, Sérgio. **A diversidade no curso de Pedagogia no Brasil**: construção de uma experiência para os direitos humanos. Educação em Revista, Marília, v.10, n.1, p.15-28, jan.-jun. 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LOPES, Regina Maria G. Pereira. Concepções pedagógicas e emancipação humana: um estudo crítico. In: PIMENTA, Selma Garrido (org) **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LOUZANO, Paula (et. al). **Quem quer ser professor? Atratividade, seleção e formação docente no Brasil**. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 21, n. 47, p. 543-568, set./dez. 2010.

LÜCKMANN, Luiz Carlos; MARMENTINI, Raquel. **Políticas de atratividade da profissão docente**: quem ainda quer ser professor?. 2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18899_81.pdf>. Acesso em 26 de fev. de 2018

MANDÚ, Thamyris Mariana Camarote. **Representações sociais do campo de atuação do Pedagogo pelos estudantes de Pedagogia**. Recife: O autor, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: _____. (org) **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia**: o espaço da educação na universidade. Cad. Pesqui. , São Paulo, v. 37, n. 130, 2007.

[1] Os saberes experienciais são aqueles que o professor, ao desenvolver seu trabalho constrói. Este saber pode ser produzido em conjunto com a comunidade escolar, com os alunos e com outros professores. Já os saberes dos espaços de formação, são aqueles produzidos nos espaços formativos, no interior das universidades, dos cursos de formação de professores. São os conhecimentos científicos e teóricos produzidos nos espaços de formação. Existem ainda os saberes Curriculares, Disciplinares e Pedagógicos. Ambos são sociais e são utilizados pelos professores. (TARDIF, 2002).